

NOEMIE SHAY

& proibido
falar
dirro!

Ilustrações

BRUNA ASSIS BRASIL



Tradução
GEORGE SCHLESINGER


Companhia das Letrinhas

Copyright do texto © 2011 by Noemie Shay
Copyright do design do álbum de foto © 2011 by Aya Gordon-Noy
Copyright das ilustrações © 2013 by Bruna Assis Brasil

Publicado mediante acordo com Kinneret Zmora-Bitan Publishing,
Or Yehuda, Israel. Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
Don't talk about it!

Preparação
PAULA MARCONI DE LIMA

Revisão
THAÍS TOTINO RICHTER
ARLETE ZEBBER

Composição
NATÁLIA NAOMI YONAMINE

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Shay, Noemie
É proibido falar disso! / Noemie Shay ;
ilustrações Bruna Assis Brasil ; tradução George
Schlesinger — 1ª ed. — São Paulo : Companhia
das Letrinhas, 2013.

Título original: Don't talk about it!
ISBN 978-85-7406-561-8

1. Ficção — Literatura infantojuvenil I. Brasil,
Bruna. II. Título

12-14461 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Contos : Literatura infantil 028.5
2. Contos : Literatura infantojuvenil 028.5

2013

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP — Brasil
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletrinhas.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

*Este livro é dedicado com grande amor à minha irmã
E em memória de sua salvadora e dos nossos pais*
NOEMIE SHAY



SUMÁRIO

1. Uma família dessas, 9
2. A briga, 13
3. Quem é você, Batya?, 19
4. Uma decisão importante, 23
5. O álbum preto, 27
6. Dudi, 31
7. "De antes de...", 35
8. Um sonho horrível, 51
9. Por que "Sofia"?, 53
10. A caminho da solução, 57
11. Segredos do passado, 61
12. O futuro pela frente, 69
13. Muitos anos depois, 75

Sobre a autora, 78

Sobre a ilustradora, 79



I. UMA FAMÍLIA DESSAS

A história que vou lhes contar eu trago comigo já faz muitos anos. É uma história pouco comum, que mudou a minha vida, e até hoje eu não a contei para ninguém. Tudo começou num *shabat*¹ de primavera, quando eu tinha seis anos e estava na primeira série do ensino fundamental, numa escola chamada David Remez. Na época, eu morava em Haifa com meus pais e minha irmã mais velha, Batya. Naquele tempo, Israel era um país jovem e Haifa, uma cidade pequena. Quase não havia prédios altos, e os apartamentos eram pequenininhos. Nós também morávamos num apartamento minúsculo, mas eu não me importava, porque lá embaixo tínhamos um quintal maravilhoso, que compensava: havia balanças, escorregador, um tanque de areia com uma pedra grandona para a gente pular e também algumas figueiras. A gente adorava subir nas árvores e, entre

¹ Dia do descanso, entre os judeus. Começa na sexta-feira ao pôr do sol e vai até o sábado à noite.

os galhos, construíamos pequenos esconderijos feitos de tábuas. No verão, sentávamos ali e nos deliciávamos com os figos doces e suculentos, até ficarmos com dor de barriga.

Até aquele *shabat*, minha vida era realmente gostosa. Eu tinha meu pai e minha mãe muito queridos e uma irmã ultralegal que já tinha catorze anos. Ela estava na sétima série e também era do movimento juvenil. Eu tinha muito orgulho da minha irmã e sempre me exibia com ela na frente dos meus amigos. Para mim, ela era a mais linda do mundo, realmente perfeita: tinha olhos castanhos amendoados, grandes e escuros, tranças pretas e grossas e pernas compridas, como de bailarina. Fora isso, ela sabia tocar piano e também cantava lindamente. Batya não era só uma irmã. Ela sempre se preocupava comigo: se eu levava um tombo e me arranhava um pouco, era ela que cuidava de mim e me tranquilizava.

Quando eu ainda não sabia ler, meus pais sempre liam uma história antes de dormir. Isso era legal e gostoso, mas eu gostava mesmo das noites em que eles iam visitar os amigos: papai e mamãe davam boa-noite e saíam. Depois que já tinham ido, Batya me dizia:

— Venha, Ruth, vamos dormir.

Nós íamos para o nosso quarto, Batya abria nossas camas de dobrar, deitava na dela, ao meu lado, e começava a me contar uma história. E contava de



um jeito tão lindo! Ela tinha uma voz, assim, macia, quente, gostosa, e eu queria que a história não acabasse nunca.

Eu amava muito a Batya. Mesmo que ela não brincasse comigo quase nunca — nem comigo nem com ninguém. Afinal, ela já era grande! Na verdade, eu não me incomodava nem um pouco com isso, pois eu tinha muitos amigos para brincar. Eles vinham em casa quase todo dia, e a gente brincava no nosso maravilhoso quintal.

Meus melhores amigos eram a Mira e o Dudi. Eles eram alguns anos mais velhos que eu, mas isso não atrapalhava nada, nada. Nem eles nem eu tínhamos parentes próximos, então a gente se visitava bastante. Todos os feriados e aniversários nós festejávamos juntos, como uma grande família.

Minha vida poderia ter continuado assim, calma e tranquila, mas então, nesse *shabat*, aconteceu uma coisa que mudou tudo. Completamente.

2. A BRIGA

Até hoje não consigo esquecer aquele *shabat*. Tudo começou como um dia incrível: depois de um tempo de chuva, finalmente o sol brilhou, e Batya até foi a uma excursão da escola. Lá fora estava gostoso, e o principal: nosso quintal havia secado. Pensei comigo mesma: “Beleza! Hoje a Mira vem aqui com os pais dela. Vamos poder descer para o quintal e brincar na gangorra e no escorregador, e pular da pedra para dentro do tanque de areia. Delícia!”

E eles chegaram. Os adultos se sentaram na varanda, como sempre, com uma xícara de café e o bolo que a minha mãe preparava especialmente para eles. Mira e eu descemos para o quintal e na mesma hora fomos brincar na gangorra. Ficamos ali balançando, subindo e descendo, até que enjoei da brincadeira. Então, sem pensar duas vezes, pulei da gangorra.

Mira levou o maior tombo, é claro, e bateu as costas. Foi uma batida forte, e eu tenho certeza de que doeu muito, mas acho que o que mais doeu foi a humilhação. Ela ficou louca de raiva e começou a

